Orgãos em M.G.
seculo XVIII
Maria da Conceição
de Rezende

P.S. Conceição, por favor, mostre a
carta a D. Oscar e discuta
o assunto. É um meio de propor
o estudo da obra do Museu:
precisa divulgar o próprio material,
com estudos de pessoas competentes.
Musica liturgica e Sacra do
período colonial, como ambito de
ação.

Q mesmo

- Em Paris não encontrei o
Luis Hector de Azevedo.
- Jacques Chailley reviu toda
a introdução do meu trabalho.

Pe. Marcello Martiniano Ferreira
St. Adolfstift
Talstrasse, 3
2057 REINBEK
Alemanha Federal

21 de janeiro de 1981.

Querida Conceição! Pax Christi!

Cheguei de Paris no dia 18 deste e espero terminar a descrição do órgão aqui em Hamburgo. Faltam 7 registros, cujas flautas somente agora estão sendo reparadas.
Em Paris visitei dois editores para a partitura de L. de Mesquita, mas pedem um preço exorbitante. Ainda não aceitei, embora um deles ficou de me enviar um projeto de contrato.
Tive a seguinte ideia: por que o Museu da Música de Mariana não cria uma Ediçóes Museu da música - Mariana? Se você apoiar esta idéia, eu procurarei aqui somente um gravador e um imprensor, mas não uma editora. A partitura de Lobo de Mesquita inaugurará esta série.
O plano das "Edições Museu da Música- Mariana" abrangeriam exclusivamente as músicas que se devem restaurar do Museu.
Só se editará trabalho critico musical sobre as partituras, inclusive a partitura. E' o único meio de difundir o material do Museu.
5 (cinco) editoras alemãs não aceitaram a minha proposta para a partitura: todas alegaram que o programa para 1981 já estava completo; a Bärenreiter ainda alegou: quem comprará o trabalho? (o que eu achei muito sem linha, por parte deles...); a Fundação Gulbenkian Calouste alegou também que a fundação só edita autores portugueses ...
Converse com D. Oscar e me responda logo que você puder: se se pode inaugurar, fundar as "Edições Museu da Música - Mariana" com o ambito de ação restrito somente ao material do Museu e só se aceitarão trabalhos criticos sobre as obras e revisão das partituras.
Em resumo: só se pagará ao gravador e impressor, a venda da partituras pertencerá ao Museu (com uma porcentagem, naturalmente para o autor do trabalho).
Tim Skopp quer saber também (diz ele que o Dr. Noronha nunca responde a ele) se o trabalho de restauro do Buffet do órgão e da Catedral já estão prontos. Estas duas condições são essenciais para a volta do órgão ao Brasil.
Espero urgente sua resposta sobre a minha ideia da "Edição".
Abraços saudosos!

Sou todo devotado Pe. Marcello

.../...

Pe. Marcello M. Ferreira
Abt. Häfelestrasse, 30
(bei Hindelang)
8017 Ebersberg
Alemanha Federal

Querida Conceição !

Espero que esta a encontre em boas situações físicas e que pouco a pouco possa retomar o seu empenho em Mariana!
Escrevi-lhe há pouco uma carta, agradecendo-lhe a generosidade em cobrir para mim o "deficit" com o Sr. Assis e também o presente do Catálogo das Músicas do Séc. XVIII. Você a recebeu?
Hoje lhe escrevo urgente, pois como estava prevendo, precisarei de um filme da partitura de 1783 de L. de Mesquita, para que a reprodução saia boa na edição. Um técnico daqui de Munique me explicou que as fotocópias que possuo aqui não permitem um trabalho claro.
Escrevo aqui o que você deve fazer para mim, e espero que êste seja o último trabalho que lhe peço sôbre a partitura!
Preciso de um filme negativo da grandeza natural da partitura, isto é, 22 por 17,5 cm, das seguintes páginas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 (do Motete); 15, 16, 17, 18 (do Padre nosso); 20, 21, 22, 23 (da Ave Maria); 24, 25, 26 e 27 (do Gloria).
Eu sei que isto custa caro, mas lhe prometo que devolverei êste material, apenas será utilizado aqui para a edição. Este material deve pertencer ao Museu da Música.
Posso contar com êste material fotográfico quanto antes?
Repito: você deve enviar-me só o negativo em tamanho natural de 21 páginas.
Espero que você seja de acordo, pois me permitirá fazer um bom trabalho na editora.
Quanto à editora, ainda não sei se edito na Alemanha ou na França...
Amanhã escreverei à Bärenreiter, mas creio que será melhor uma editora aqui de Munique, para que eu possa controlar melhor o trabalho original. Trata-se de uma edição "Urtext" (original) com a minha revisão: desejo que o que é de Lobo de Mesquita seja 100 % respeitado, por isso será melhor que o trabalho seja feito por aqui mesmo.
Queria telefonar-lhe hoje para fazer êste pedido, pois desejaria imprimir quanto antes êste trabalho.
Sinto muito incomodá-la na sua convalescência. Se isto, porém, é impossível de se fazer na sua situação precária de saúde, peço-lhe que use comigo da máxima franqueza.
Fico aqui também à sua disposição e envio um abraço forte para você desejando-lhe todo o bem e sucesso nos seus empreendimentos,

Pe. Marcello M. Ferreira

O Órgão de Mariana

O Arquidiocesano 21-9-1980

Pe. Marcello Mart'n'ano Ferreira
(z. Zt.) St. Adolfstift
Talstrabe, 3
2.057 REINBEK (bei Hamburg)
Alemanha Federal

1.º de setembro de 1980

S. E. Revma.
Dom Oscar de Oliveira
Curia Metropolitana
Rua Direita, 102
Mariana - MG.
Brasil

Excelência Revma. D. Oscar de Oliveira!

Eu me permito escrever-lhe modestamente estas linhas, pois encontrando-me eu aqui em Hamburgo para pesquisar alguns dados técnicos sobre o órgão da Catedral de Mar'ana, na Fábrica de Rudolf von Beckerath, tendo eu para isso recebido de V. Excia. uma perm's-são por escrito, debat-me com a seguinte descoberta que me sugeriu uma iniciativa, que somente V. Exc'a. pode dar autorização para atuá-la.

Sob a borda anter'or das teclas do 1.º teclado do órgão (1) existem pequenos ganchos (em alemão: Ringosen (plural), os qua's foram or'g nariamente colocados pelo construtor do órgão em 1700... para fazer a ligação mecânica com um pedal (2).

Esses ganchos existem sob as primeiras 23 techas do 1.º teclado, isto é, de C - d' (de Dó a ré).

Conversando pessoalmente com o M.º Ernesto Ulrich von Kameke, já conhecido aí no Brasil, organista aqui em Hamburgo na igreja de S. Pedro, e também conversando com os técn'cos da Firma Beckerath, todos ê'es são de acordo em acrescentar uma pedaleira ao órgão de Mariana: pedaleira sem registros próprios (união do 1.º teclado a ela).

E um acréscimo que foi pensado pelo mesmo construtor do órgão em 1700, se é que já não existira em Portugal.

A Firma Beckerath não pode fazer essa pedaleira sem a autorização de V. Exc'a., o que, além do mais, implicaria também no projeto econômico.

(Continua na 4.ª página)

APELO

Apelamos para os leitores no sentido de obterem de amigos anúncios neste jornal para se fazer face às despesas. A tabela está sendo sempre divulgada.

JOSÉ JOAQUIM EMERICO LOBO DE MESQUITA

Considerado o chefe da escola mineira dos setecentos, autor da mais antiga obra musical escrita em partitura (Tercio — 1783), foi organista e compositor em função de seu emprego encarregado da música em funções religiosas: por isto sua música está mergulhada nas fontes do catolicismo.

O roteiro artístico de Lobo de Mesquita como organista está diretamente relacionado com a difusão dos órgãos em Minas Gerais.

O Padre Manuel de Almeida Silva é responsável pela fabricação do primeiro órgão de que se tem notícia em Minas; este foi inaugurado oficialmente por J. J. E. Lobo de Mesquita, convidado pela Irmandade do SS. Sacramento, na Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco, em cujo local se ergue hoje a Catedral de Diamantina. A data é 1782; é, também a primeira vez que o nome desse organista aparece em documentos. Lobo de Mesquita foi também organista em outras igrejas: na Capela de N. S. do Monte do Carmo, igualmente no Arraial do Tejuco, tocando em um órgão maior, construído pelo mesmo Padre Manuel de Almeida Silva de 1782 a 1789, a convite da Ordem Terceira do Carmo, conforme consta no "Livro de Receita" (de 1756 a 1810) desta Irmandade. Foi ainda organista na Igreja de N. Senhora das Mercês, do Arraial do Tejuco (hoje Diamantina) e figurava na "Irmandade das Mercês dos criolos" em 1788. Consta que um órgão foi doado à Confraria N. S. das Mercês por Conrado Brant, irmão do contratador de diamantes Felisberto Brant.

Em 1798 transferiu-se para Vila Rica (Ouro Preto) onde trabalhou como organista na Irmandade de SS. Sacramento, na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, de 1799 a 1800. Encontrou aí Jerônymo de Souza Lobo, organista, violinista e compositor. Ambos, aliados a Francisco Gomes da Rocha, atuaram dentro da mesma Igreja e para a mesma Irmandade.

"Muito trabalhou Lobo de Mesquita em Vila Rica para a Ordem Terceira do Monte do Carmo; em seu "Livro de Termos", correspondente ao ano de 1798 pode-se ler quais as obrigações que J. J. E. Lobo teria a cumprir como organista e compositor recém-chegado: aí o artista omite o sobrenome Mesquita. No mesmo Livro cotado consta em outubro de 1800 um contrato com Francisco Gomes da Rocha encarregando-o da música, em razão da ausência de J. J. E. Lobo de Mesquita que permaneceu dois anos em Vila Rica.

Atuando como organista da Ordem Terceira do Carmo, a morte o colheu no Rio de Janeiro em 30 de abril de 1805." (F. Curt Lange)

Outros organistas no século XVIII

Entre outros organistas que possivelmente tenham atuado em Diamantina têm-se notícia que, em 1788 Thomazia Onofre do Lírio também tocava órgão para a Confraria de N. S.ª das Mercês.

Anna Maria dos Santos Martyres, organista cega, substitui J. J. E. Lobo de Mesquita, na Ordem Terceira do Carmo. Foi a primeira mulher a tocar órgãos nas igrejas de Minas: conseguiu porque era cega. Começou a trabalhar em 1795, sem emolumentos. Faleceu a 30 de agosto de 1806 e está sepultada na nave da Igreja do Carmo em Diamantina.

MÚSICA ● Nove CDs vão registrar a riqueza da música colonial mineira

Tesouro colonial

Diário da Tarde 23-1-2.001

Sâmara d'Armada

Uma parte significativa da música erudita colonial produzida em Minas Gerais será resgatada. É o que garante projeto lançado em solenidade na Secretaria de Estado da Cultura. O evento reuniu personalidades mineiras de diversos setores da produção cultural, marcando o início do trabalho, que pretende lançar ao todo nove CDs, três a cada ano, durante três anos consecutivos. Os discos vão reunir composições que fazem parte do acervo do Museu da Música da Arquidiocese de Mariana.

"Este projeto vem permitir a valorização do Museu da Música, recuperando uma parte importante do patrimônio musical de Minas Gerais", explica o secretário de cultura Ângelo Oswaldo. Segundo ele, a idéia é recuperar este que é um dos mais representativos testemunhos do alto nível que a arte da música alcançou na região. "Já é sabido que, no que diz respeito à escultura, tivemos nomes como Aleijadinho. Na pintura, o Mestre Ataíde. E na poesia, Cláudio Manoel. Porém, também temos grandes nomes na música, que agora ficaremos conhecendo melhor através deste trabalho", destaca.

De acordo com o projeto (orçado em R$720.985,00), primeiramente será formada uma equipe de técnicos sob a liderança do pesquisador de música brasileira e professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Paulo Castagna. Reconhecido como uma das maiores autoridades brasileiras em musicologia e pesquisa, ele vai reestruturar o acervo e elaborar um novo catálogo para que as orquestras possam ler as partituras e interpretá-las.

"Ainda que um trabalho criterioso de organização tenha sido desenvolvido, na década de 70, por Maria da Conceição Resende, a grande maioria das composições precisa ser reorganizada", diz. Segundo ele, os manuscritos (a maioria escrita há 100, 200 anos) necessitam de muitos ajustes. "Algumas coisas precisam ser restauradas. Mas, não estaremos realizando só a restauração. Temos também que montar as partituras, porque uma partitura é um conjunto de partes de uma música. Neste acervo, a grande maioria das composições é encontrada em partes separadas, uma para cada instrumento específico. Algumas delas estão, inclusive, misturadas", explica.

CONCERTOS

Posteriormente à recuperação das composições, as partituras serão passadas para as orquestras e os discos serão gravados. Estima-se que será feita a edição de 6 mil partituras correspondentes ao material gravado (2 mil por CD). O conselheiro da Fundação Cultural de Mariana, José Eduardo Liboreiro, ressalta que entre as composições que integram o acervo existem muitas de autores não identificados. Entre estes autores, estão Nunes Garcia, Castro Lobo, Manoel Dias Oliveira, Gomes da Rocha, Francisco Manoel da Silva e até Lobo de Mesquita.

Além deste trabalho, as orquestras também estarão apresentando concertos na Catedral de Mariana – onde se encontra o famoso órgão barroco Arp Schnitger –, no Grande Teatro do Palácio das Artes, em Belo Horizonte, na Sala Cecília Meirelles, no Rio de Janeiro, e em São Paulo, em local a ser escolhido. O projeto prevê ainda a criação de um *site* na Internet, que vai disponibilizar para o público em geral cópias das partituras. O projeto é administrado pela Bureau Cultural, dirigido por Fernando Pinheiro Moreira e Eleonora Santa Rosa. O patrocínio é da Petrobras, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Também apóia a realização a Secretaria de Estado da Cultura.
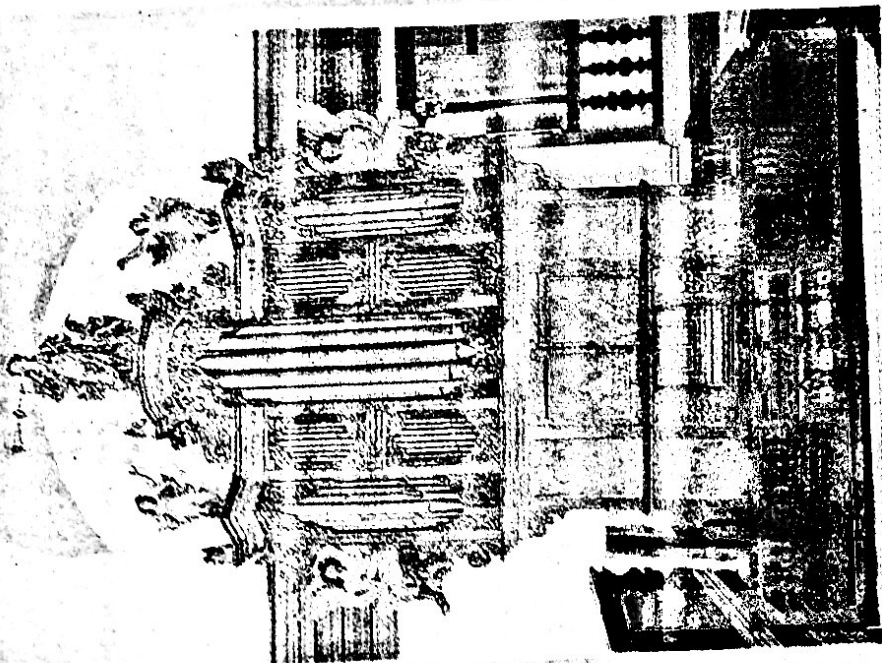
Foto: Itafoto Ouro Preto/divulgação

CONCERTOS na Catedral de Mariana, onde se encontra o famoso órgão barroco Arp Schnitger (foto), e em outras cidades vão marcar o lançamento dos CDs

MUDANÇA

● *Mayhé e Anderson [...] discreto e querido por [...] Paulo. Maythé, talvez [...] impressionou pela sua [...] que dinheiro nenhum [...] crescimento da Arezzo*

G•e•n•t•e

JOSÉ MAURÍCIO

Resgate

● Já está em execução o ambicioso projeto de resgate, pesquisa e estudo da música barroca mineira, dos séculos XVII e XVIII, existente no Museu da Cúria Metropolitana de Mariana. Ao lado da programação musical do projeto (concertos em Minas, Rio e São Paulo), tem a oportunidade de estudo para 500 alunos/ano, de todas as idades, com aulas teóricas e práticas.

Iniciativa

● O custo de implantação do projeto – recuperação do acervo/programação musical/estudo – está orçado em R$ 4.107.043,50, com um total de cotas de patronos de R$ 1.950.000,00 e da campanha, R$ 2.157.053,50. Considerada lado a lado com a música barroca européia, até hoje quase nada foi feito em Minas, a não ser poucas iniciativas isoladas, faltando aquela "blitzkrieg".

Os órgãos no Barroco Min[illegible] (a)

A importância do orgão na música do século XVIII, decorre da predominância do gênero sacro do qual é o instrumento por exelência como acompanhador e como solista; a orquestra ainda não havia ainda invadido os templos como aconteceu nos últimos decênios do século.

A unidade do canto na Igreja conforme o texto litúrgico, exige o canto gregoriano como símbolo.

Há porém na Igreja festas jubilares, ofícios transbordantes de mística alegria nas quais a música harmônica integra a manifestação poética da fé.

Considerando que a trama harmônica se dinamisa no acompanhamento, surge a necessidade de um instrumento dedicado a esta função. realmente essa função deve ser confiada ao orgão – instrumento majestoso de sonoridade solene e profunda. Toda arte que se condensa no orgão tem por fim levar uma mensagem do sobrenatural à sensibilidade da criatura humana.

Em Minas setecentista a atividade musical era diretamente sustentada por organismos atuantes no plano civil e religioso.

Logo após a criação da primeira diocese da região, em Mariana, D. Frei Manuel da Cruz seu primeiro bispo, instituiu os cargos de música tais como Chantre, Mestre-de-capela e organista.

Independentes da hierarquia religiosa mas colaborando na atividade religiosa, estavam as Irmandades e Ordens Terceiras que zelavam pela música em suas festividades particulares, promovendo contratos para sua realização; estes documentos são hoje importantes para se aquilatar a atividade musical do passado. E' através destes "ajustes" que levanta-se a história do orgão em Minas colonial: sabe-se que, proporcionalmente ao seu desenvolvimento, não foram adquiridos muitos orgãos como aconteceu na Bahia e em Recife.

Os orgãos no Barroco Mineiro - a)

A importância do orgão na música do século XVIII, decorre da predominância do gênero sacro do qual é o instrumento por exelência como acompanhador e como solista; a orquestra ainda não havia ainda invadido os templos como aconteceu nos últimos decênios do século.
A unidade do canto na Igreja conforme o texto litúrgico, exige o canto gregoriano como símbolo.
Há porém na Igreja festas jubilares, ofícios transbordantes de mística alegria nas quais a música harmônica integra a manifestação poética da fé.
Considerando que a trama harmônica se dinamisa no acompanhamento, surge a necessidade de um instrumento dedicado a esta função: realmente essa função deve ser confiada ao orgão - instrumento majestoso de sonoridade solene e profunda. Toda arte que se condensa no orgão tem por fim levar uma mensagem do sobrenatural à sensibilidade da criatura humana.

Em Minas setecentista a atividade musical era diretamente sustentada por organismos atuantes no plano civil e religioso.

Logo após a criação da primeira diocese da região, em Mariana, D. Frei Manuel da Cruz seu primeiro bispo, instituiu os cargos de música tais como Chantre, Mestre-de-capela e organista.

Independentes da hierarquia religiosa mas colaborando na atividade religiosa, estavam as Irmandades e Ordens Terceiras que zelavam pela música em suas festividades particulares, promovendo contratos para sua realização; estes documentos são hoje importantes para se aquilatar a atividade musical do passado. É através destes "ajustes" que levanta-se a história do orgão em Minas colonial: sabe-se que, proporcionalmente ao seu desenvolvimento, não foram adquiridos muitos orgãos como aconteceu na Bahia e em Recife.

(cont verso)

O orgão da Sé de Mariana veiu diretamente de Portugal e o da Matriz de Tiradentes teve a mesma origem quanto as flautas e peças mecânicas, sendo as partes de madeira e a montagem feitas em Minas.
Houve orgãos ainda nas matrizes de Vila Rica, no Carmo de Sabará, na Matriz de Caeté, na igreja de São Francisco da Penitência em Mariana, em Congonhas.
Supõe-se a existência desse instrumento em outras cidades que tinham uma atividade musical independente e seu elenco próprio: São João del Rei, Serro, Sabará, Pitangui, Santa Luzia do Rio das Velhas.
Em Diamantina tem-se notícia de um importante artesanato instrumental de orgãos, sob a responsabilidade do Pe. Manuel de Almeida Silva, nos quais tocava o grande compositor e organista José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita.

Ouro Preto.

Em "Historia da Música nas Irmandades de Vila Rica" vol I, p. 68, F. Curt Lange dá a seguinte informação:
« A Matriz de Ouro Preto deve ter trazido do Rio e construído, não se sabe onde, o primeiro orgão chegado ás alturas próximas do Itacolomi. Um assento que aparece no Livro de Receitas e Despesas da Irmandade de Sto. Antonio, referindo-se a 24 de dezembro de 1721, dá como entregue a Luís da Cunha "de música e orgam" a súbida quantia de 192 oitavas de ouro." O organista (e organeiro) mais afamado em Vila Rica no periodo colonial foi Caetano Rodrigues da Silva que tambem foi regente. Seguiu-o Jerônimo de Souza Lobo.
Conforme o autor citado, em agosto de 1767 fez-se ajuste de um orgão com Antonio Bento Vaz, que o vendeu à Ordem do Carmo.
1768 - Organista e afinador Vicente Freire de Andrade, por 20 oitavas anuais.
Na igreja do Carmo em 1819, instalou-se um novo orgão.
No periodo de atuacões de João Nunes Maurício Lisboa associou-se a ele como organista o Padre João de Deus Castro Lobo, compositor que passou de Ouro Preto para Mariana.
Nesse orgão tocava J. J. E. Lobo de Mesquita nos dois últimos anos do século XVIII, sendo substituido por F. Gomes da Rocha.

Mariana

Além do orgão da Sé, havia na Igreja de São Francisco da Penitencia outro no qual tocava o compositor famoso organista Pe João de Deus Castro Lobo seu organista titular e Mestre-de-capela da Sé. Faleceu em 1832.
(Informação "Arquidiocese de Mariana" - Cônego Raimundo Trindade)

Congonhas

O orgão da Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas foi mandado fazer e as cornetas foram importadas de Roma, Itália, no ano de 1780; custou na época réis 100$000 ou 108 oitavas e 1/2 de ouro e a caixa do Orgão foi feita pelo Antonio Francisco Lisboa "Aleijadinho". (Livro de Despesas folhas nº 32 verso).
(Pesquisa feita por Assis Alves Horta, de Diamantina).
No Livro de Despesas, folhas nº 16 encontra-se:
"Em 1782, pagamento ao organista e músico sr. Antonio Ferreira de Souza das novenas do Jubiléo de Maio do mesmo ano: 40 oitavas de ouro."
"Orgão: pago a Antonio Francisco Lisboa "Aleijadinho" 84/8 (oitavas) de ouro da Caixa do Orgão da Capela do Senhor, recibo nº 6, de 1804."
"Orgão: 1825 compra de um orgão novo".
No Livro de Receitas e Despesas, folhas 12 verso:
"Pagamento ao organista sr. Athanásio Fernandes da Silva a fatura de um orgão novo em 1825 - 430/8s [oitavas] de ouro para a Capela do Senhor."
Também este orgão não existe mais na Capela do Senhor de Matosinhos em Congonhas - foi vendido.
(Essa pesquisa foi feita por Assis Alves Horta, de Diamantina, M.G.).

— x —

Diamantina e o artesanato de orgãos

Em Minas colonial existiu no Arraial do Tejuco, hoje Diamantina, M.G., um artesanato de orgãos muito desenvolvido, sob o encargo do Padre Manoel de Almeida Silva, possuidor de grande conhecimento no ramo.
Foi ele responsavel pela fabricação do primeiro orgão em Minas Gerais; foi-lhe encomendado pela Irmandade do SS. Sacramento e o instrumento foi instalado na Igreja de Santo Antonio, onde hoje funciona a Catedral.
Este orgão foi inaugurado por José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita em 1782, a convite da Irmandade do SS. Sacramento.
O organista e compositor tocava, tambem, em outro orgão maior, construido pelo mesmo Padre Manoel de Almeida Silva, localisado na igreja do Carmo, em Diamantina.
A documentação está nos livros:
- Livro de Termos da Venerável Ordem Terceira do Carmo do Arraial do Tejuco; conforme resolução da mesa, registrou a construção do orgão a 3 de março de 1781.
O trabalho da construção foi ajustado a 13 de fevereiro de 1782 com o Pe. Manuel de Almeida Silva. No Livro de
- Receita (de 1756 a 1810) da Venerável Ordem Terceira do Carmo do Arraial do Tejuco: registrou a 13 de fevereiro de 1782 o contrato da construção do orgão no valor de 1.100 oitavas de ouro.
- Livro de Termos; 17 de julho de 1789 - faz menção do ajuste com o organista José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita cujas obrigações se fixaram a 25 de julho de 1791.
Este orgão foi consertado duas vezes: a primeira em 1877 e a segunda vez em 1905 por F. Mastrolorenzo.
Havia orgão tambem na Igreja de N.S. das Mercês onde J.J.E. Lobo de Mesquita, tambem, tocava.
Consta que um orgão foi doado à Confraria N.S. das Mercês por Conrado Brant, irmão do Contratador de diamantes Felisberto Brant.

— x —

O orgão em Tiradentes

Na historia do orgão da Matriz de Santo Antônio em Tiradentes (antigo S. José Del Rei) consta que ele foi fabricado em Francônia, na Alemanha e doado ao Brasil pela Rainha D. Maria I, de Portugal; consta, igualmente, que o orgão saiu da Alemanha por via terrestre até Portugal tendo chegado ao Rio de Janeiro através de veleiro e, até Tiradentes em lombo de burro.

Sabe-se por documentação que seus tubos, o mecanismo, etc vieram do Porto (Portugal) em 1788. O conjunto escultórico foi construido por artesãos mineiros que se incumbiram das partes em madeira bem como sua montagem. O conjunto escultórico aproxima-se do rococó.

Salvador de Oliveira desenhou a caixa do orgão e entalhou-a juntamente com Antonio da Costa Santeiro, autor dos dois anjos do conjunto.

Em 1798 foi o conjunto pintado por Manoel Victor de Jesus. O organista que o estreou foi Francisco de Paula Oliveira Dias.

Foi restaurado, através da Nuclebrás, pela empresa alemã Kraftwerk Union. O trabalho foi feito pelo organista alemão Manfred Thonius, responsável também pelo concerto de reinauguração.

Consta que na America Latina existem 6 orgãos como o de Tiradentes.

x —

“Schnitger” raríssssimo de 283 anos

O órgão restaurado: 964 flautas, 24 registros e 2 teclados

8 - 12 - 1984

Mariana - M.G.

Mais que uma programação musical de gala, a festa de reinauguração do órgão de Mariana é um acontecimento da maior importância cultural e histórica para Minas Gerais. O órgão, um “Schnitger” de 1701, foi trazido para a cidade de Mariana em 1752, a pedido do primeiro bispo da cidade, frei Manoel da Cruz, a dom João V, rei de Portugal.

Sabia-se que o órgão, cuja última execução se deu em 8 de dezembro de 1937, tinha sido comprado em Portugal, do organeiro João da Cunha, e que na cidade do Faro, havia um outro igual. A Sé e o Convento de São Francisco, da cidade de Faro adquiriram dois órgãos no início do séc. XVIII, do célebre organeiro alemão Arp Schnitger (que viveu entre 1648 e 1719). Um dos órgãos lá se encontra até hoje. E o segundo? Suspeitava-se que fosse esse de Mariana.

Em 1974 foi feito um levantamento dos órgãos existentes nas igrejas de Minas Gerais, constatando-se na época que possivelmente o órgão de Mariana fosse o Schnitger, suspeita que foi se confirmando mais tarde. Em 1977 o então presidente da Cemig, Francisco Noronha, também diretor administrativo do Palácio das Artes, convidou o maestro alemão Karl Ritcher para dois concertos em Belo Horizonte, mostrando-lhe, na época, documentação histórica e fotográfica do órgão de Mariana.

O maestro estudou detalhadamente o material, emitindo em seguida um certificado recomendando a restauração do órgão: “Pude llegar a 1.ª conclusion, de que en el caso de este organo se trata de un instrumento de michissimo valor histórico, comparable a los organos Schnitger e Silberman. En el cazo de este instrumento, poderia tratar-se incluso de um organo Schnitger...”.

Francisco Noronha, então, iniciou um trabalho de arrecadação de recursos para a restauração do órgão, enviando-o à Alemanha, com autorização do bispo de Mariana, dom Oscar de Oliveira, e do SPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O órgão ficou aos cuidados da empresa “Rudolph Von Beckerath” de 1978 até hoje, sendo restaurado artesanalmente, sem receber uma peça nova. Contribuíram para o trabalho, que ficou em cerca de 200 milhões de cruzeiros, as empresas alemães do grupo Siemens: Ferrostal, Isomonte, Krupp, Lufthansa, Mannesmann, Mercedes Benz, Traubomatic e Voith, além da Construtora Andrade Gutierrez, que custeou a instalação da pedaleira.

A caixa do órgão, de sete metros de altura por 5 de largura e 97 centímetros de profundidade, foi restaurada pelo CECOR (Centro de Conservação e Restauração) da Escola de Belas Artes da UFMG.

Ela possui pintura em “xarão” e “Chinoiseries” características do período barroco, cinco anjos e outros detalhes que levavam a crer que a caixa tinha sido feita em Minas, no ano de 1723, data nela entalhada. Mas a semelhança desta pintura com a do órgão de Faro bem como a disposição das 964 flautas do órgão, seus 24 registros e os dois teclados, levam a crer que todo o instrumento é de fabricação Schnitger.

a)

Linhas sóbrias no exterior

Catedral da Sé

Enquanto o órgão de Mariana era restaurado na Alemanha, o SPHAN trabalhava na restauração da igreja onde ele se encontra, a Catedral de Nossa Senhora da Assunção, primeira matriz da cidade. O valor histórico desta igreja nada fica a dever ao órgão, que chegou a Mariana junto com o seu sino e os primeiros paramentos necessários para a implantação, com a pompa indispensável, de primeira diocese das Gerais.

A vila do Ribeirão do Carmo foi erguida em 1711 e escolhida para nela se instalar o primeiro bispado de Minas Gerais em 1745. Foi então que ela foi elevada a cidade, e para homenagear sua esposa, o rei dom João V deu-lhe o nome de Mariana. A pequena igreja de Nossa Senhora da Conceição foi então escolhida para ser a Sé da nova cidade, iniciando-se os trabalhos de ampliação e ornamentação do templo, que recebeu os primeiros vidros de que se tem notícia nas Gerais.

O altar-mor foi construído no início do século XVIII. Sua composição é de arquivoltas concêntricas em seu coroamento, colunas torsas laterais, emoldurando o painel pintado

Interior da Catedral de Mariana

central. Ele possui decoração profusa, mas bem equilibrada, douramento geral. A capela-mor recebe ainda o cadeiral dos cônegos, pintados provavelmente em 1760, data existente no chafariz ali desenhado, que, como o órgão, possui pintura em xarão e chinesisses. No mesmo ano é contratada o trabalho do pintor Manoel Rebelo de Souza, autor do forro da capela-mor, onde estão oito cônegos santos e um bispo.

Seguem-se vários altares laterais, todos com douramento. Ao se entrar na catedral, por sua porta principal, o visitante defronta-se com o tapa-vento, obra necessária para as funções noturnas, de valor excepcional, segundo os historiadores, pelo tratamento recebido dos escultores Manoel Francisco de Araújo e Francisco Vieira Servas, notando-se ainda a presença de trabalhos de Antônio Francisco Lisboa, "o Aleijadinho".

A pia batismal deve ser creditada a José Pereira Arouca, enquanto sua tampa de madeira é devida ao escultor Vieira Servas. A tudo preside o painel de Batismo de Cristo, belo trabalho de nosso melhor pintor da época, Manoel da Costa Athaide.

Foi o pai de Aleijadinho, Manoel Francisco Lisboa, mestre de obras do Palácio do Governador, o encarregado de verificar o local e descrever as condições para o assentamento do órgão. Construiu-se então, entre março e setembro de 1753, a varanda interna da Catedral da Sé, onde o órgão foi instalado do lado direito de quem entra. As solenidades da festa da Assunção foram abrilhantadas, naquele ano, pelo organista Pedro Manoel da Costa Dantas.

— x —

b)

Sé de Mariana, MG

Eis o sonho de Augusto dos Anjos:

"Meu coração tem catedrais imensas
Templos de priscas e longínquas datas
Onde um sonho de amor em serenatas
Canta a aleluia virginal das crenças..."

Eis o sonho de Maria Conceição Rezende:

"Um belo dia entrei nesses templos...
Catedrais de ouro das Minas Gerais...
Servi, cantando, e aí encontrei
Em aleluias, peregrinando no tempo
A eterna beleza de sua música"

Mª. C. Rezende
Janeiro de 2.001